

## O balcão de vendas da diplomacia das sombras

A diplomacia do governo Lula é um espetáculo de sombras: uma retórica grandiosa sobre protagonismo internacional que encobre intenções e fragilidades. Enquanto o governo exalta sua habilidade de “dialogar com todos os lados”, a realidade é um Brasil submisso a interesses externos que nada têm a ver com o desenvolvimento nacional. Não é mero pragmatismo, mas uma submissão deliberada que transforma o país em peão geopolítico, trocando sua autonomia por apoio externo para perpetuar-se no poder.

Na política econômica, o cenário é semelhante. A retórica de “crescimento inclusivo” esconde a perseguição às forças produtivas nacionais. O modelo econômico atual perpetua um padrão colonial, no qual o Brasil permanece como fornecedor de matérias-primas e consumidor de produtos manufaturados. A ausência de políticas voltadas para a industrialização ou modernização do setor produtivo demonstra a falta de visão estratégica, enquanto o discurso sobre soberania econômica serve apenas para encobrir a dependência estrutural.

A gestão fiscal segue o mesmo padrão. O aumento da carga tributária financia políticas assistencialistas que, ao invés de promoverem emancipação, criam dependência. Programas sociais transformam-se em instrumentos para manter um eleitorado cativo, enquanto o setor produtivo é sufocado por regulamentações e uma estrutura tributária desestimulante. Redistribuir riqueza exige que ela exista, mas o governo parece ignorar essa lógica básica ao penalizar quem produz. É cruel que um partido que se diz defensor dos pobres perpetue as condições que mantêm a pobreza.

Na política externa, a submissão é evidente. Internamente, o governo parece seguir ordens de interesses alheios ao país, buscando agradar elites internacionais. Como, então, o PT consegue manter-se no poder por tanto tempo?

A resposta está na teia de relações entre as elites progressistas globais e os movimentos de esquerda na América Latina. A ascensão do Foro de São Paulo, desde 1993, não teria sido possível sem o apoio do Diálogo Interamericano, uma espécie de comissão trilateral para assuntos latino-americanos. A proximidade dessas elites com grupos como as Farc é um exemplo claro: visitas de dirigentes da Bolsa de Valores de Nova York aos líderes da narcoguerrilha colombiana são mais que documentadas.

- A diplomacia lulista apesar do discurso de liderança do sul global e potência emergente, na prática é apenas submissão a agendas internacionalistas.
- A forma de administrar a economia e diplomacia nacional, faz o governo Lula parecer uma comitiva enviada por colonizadores.
- O diálogo interamericano é um dos grandes responsáveis pela ascensão do PT e demais membros do Foro de SP ao poder.



**Colômbia, junho/1999:** O ex-poderoso presidente da Bolsa de Valores de Nova York, Richard Grasso, e o então principal negociador diplomático da guerrilha (FARC), o comandante Raúl Reyes se encontram ▲

Além disso, o próprio Council on Foreign Relations (CFR), um dos principais think tanks globalistas dos EUA, desempenhou papel crucial ao legitimar o Foro de São Paulo, ajudando a ocultar sua existência dos holofotes da opinião pública durante anos. Essa relação revelou-se fundamental para garantir o crescimento do seu projeto político.

Contrariando a crença popular, as elites progressistas – americanas ou nacionais – convivem muito bem com guerrilheiros e ditadores. Afinal, é mais fácil negociar com criminosos interessados apenas na manutenção do poder do que com autoridades legítimas comprometidas com o bem público.

No fim das contas, as alianças entre elites "progressistas" e regimes autoritários não são contradições, mas engrenagens de um mesmo sistema que opera para consolidar o poder de uns às custas da liberdade de muitos.

COUNCIL *on*  
FOREIGN  
RELATIONS